NOTÍCIAS | ANO XVI | RIO DE JANEIRO | SETEMBRO 2018

FEBRAPSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[60]

CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE 2019

Estranhas sensibilidades: um desafio para nosso tempo

Rotas da Escravidão

Novas mídias

Cursos virtuais

ARTIGOS:

Assombro

Elogio ao estranho

Transmissão transgeracional da violência

PALAVRAS DA PRESIDENTE

Anette Blaya Luz
Presidente da Febrapsi

Este é o primeiro número do Febrapsi Notícias desta gestão 2018-2019, portanto motivo de satisfação e prazer na feitura deste editorial. Assumimos a direção da Febrapsi em novembro de 2017 com o objetivo de realizar uma gestão plural em consonância com os anseios e necessidades de nossas federadas componentes.

A proposta inicial dessa diretoria é a de profissionalizar cada vez mais a Febrapsi, pois estamos crescendo em número, bem como em importância no cenário nacional e internacional. Hoje somos mais de dois mil e cem colegas, compondo nossas treze Sociedades e três Grupos de Estudo, além de vários Núcleos Psicanalíticos. Temos ainda um quarto Grupo de Estudos reconhecido pela IPA, o Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região se preparando para ingressar no nosso quadro de federados, ampliando ainda mais nossa representatividade.

A inserção de nossa atividade na cultura tem sido foco importante para a Febrapsi que, sendo canal de expressão da psicanálise brasileira, assume seu papel perante a sociedade. Os textos que o OP – Observatório Psicanalítico – nos oferece são prova contundente de quão ativos estamos sendo também fora de nossos consultórios.

Temos, como psicanalistas, uma responsabilidade significativa na compreensão e transformação das temáticas que nos impactam cotidianamente. A violência, o descaso com a vida humana ou o bem público são feridas para nossos corações e olhos. O incêndio do Museu Nacional é um exemplo do descuido, desamparo e negligência que nossa história e nossa memória estão sofrendo. Como psicanalistas sabemos que sem passado o presente e o futuro ficam comprometidos. Não podemos nos furtar o papel que temos dentro deste contexto, e estamos nos posicionando cada vez mais.

Sim, o Brasil está vivendo momento delicado de sua história. Testemunhar o museu em chamas é mais uma barbárie que nos deixa atônitos. A Febrapsi tem, reiteradas vezes, se posicionado contra a violência, seja no discurso ou no gesto, pois entendemos que só assim poderemos crescer como nação e indivíduos. Entendemos que o processo democrático exige que possamos conviver com o "estranho odiado no outro".

Ainda dentro desse espírito de envolvimento na cultura estamos participando da organização do IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa. Este vai acontecer na cidade de Mindelo, Ilha de São Vicente em Cabo Verde, de 15 a 17 de novembro deste ano. Com o tema "Rotas da escravidão", será um evento multidisciplinar onde a oportunidade de troca com colegas portugueses e africanos será enriquecedora e muito agradável. Temáticas como essa - escravidão – existente entre nós desde os primórdios de nossa história, e tão contundentemente silenciada por tanto tempo exigem de nós psicanalistas uma profunda reflexão, não só pela desmentida que sempre envolveu assuntos dessa natureza, mas também pela responsabilidade que temos com a preservação de nossa humanidade e humanização. Aspectos que a escravidão e o preconceito atacam cruelmente.

Outro evento importante que estamos preparando é o próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise, que vai acontecer em Belo Horizonte entre os dias 19 e 22 de junho do ano que vem, com o título "O Estranho – Inconfidências". Este encontro é uma ótima oportunidade para que nós, brasileiros, possamos dialogar, trocar ideias e confraternizar. Tudo isso desenvolve cada vez mais a nossa Psicanálise.

Para finalizar gostaria de convidar o leitor a visitar nosso site que está totalmente reestruturado. Lá é possível acompanhar todas atividades científicas e culturais que estamos realizando.

EDITORIAL

Novos tempos

A torre do relógio de Finale Emilia, erguida no século 14, foi partida ao meio pelo terremoto que atingiu o norte da Itália em maio de 2012. Durante as 12 horas em que ficou de pé, a metade da torre foi exaustivamente fotografada, até que novo tremor a derrubou. A foto que o leitor vê na capa sugere um tempo fragmentado, interrompido, em que a repetição da pulsionalidade dá lugar à compulsão à repetição mortífera, ou, na expressão de André Green, ao "assassinato do tempo".

Com esse estímulo para o pensar, convidamos o leitor a percorrer as páginas seguintes e visitar os temas dos próximos congressos aos quais a Febrapsi se dedica. Título do IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, *Rotas da escravidão* é "Uma história a ser lembrada", que a diretora de Comunidade e Cultura, Leda Herrmann, nos apresenta. Na sequência, o diretor científico Ignácio Paim Filho convoca-nos à reflexão sobre o presente/futuro, com seus excessos narcísicos, no texto "Estranhas sensibilidades: um desafio para nosso tempo".

A foto do relógio partido ao meio viralizou, fenômeno dos tempos atuais em que a comunicação instantânea provoca uma reação em cadeia de certezas e do igual, eliminando o estranho. A forma como as certezas invadem o cotidiano e autorizam a violência e o ódio no mundo de hoje é um dos aspectos tratados por Leopold Nosek em seu artigo "Assombro". Sua disposição para o assombro é acompanhada por um elogio ao estranho, proposto no texto de Vera Lamanno Adamo. Insistindo na importância do debate sobre o estranho odiado no outro e a transmissão do ódio e violência, publicamos pronunciamento de Cláudio Eizirik feito à ONU em 2006 e o comentário de Miguel Sayad sobre essa grave questão.

Temos também notícias sobre a tecnologia a nosso favor – cursos virtuais e novos canais de divulgação da Febrapsi – e as atividades programadas para o Congresso de 2019. É com alegria que apresento esta edição do Febrapsi Notícias, com novo layout e vigor, e agradeço o apoio da diretoria da Febrapsi e o trabalho da equipe editorial que propiciaram esse resultado.

Cláudia Carneiro
Editora

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora: Cláudia Aparecida Carneiro
Comissão editorial: Ceres Leonor Tavares, Eduardo de São Thiago Martins, Eliane Souto de Abreu, Gabriela Pszczol Krebs e Helena Lopes Daltro Pontual.

Jornalista responsável: Bartolomeu Rodrigues

CAPA
Detalhe da torre do relógio de Finale Emilia, após terremoto que atingiu a região norte da Itália em maio de 2012. Foto: Lumière de l'Atelier.

Projeto gráfico de diagramação
Licurgo S. Botelho

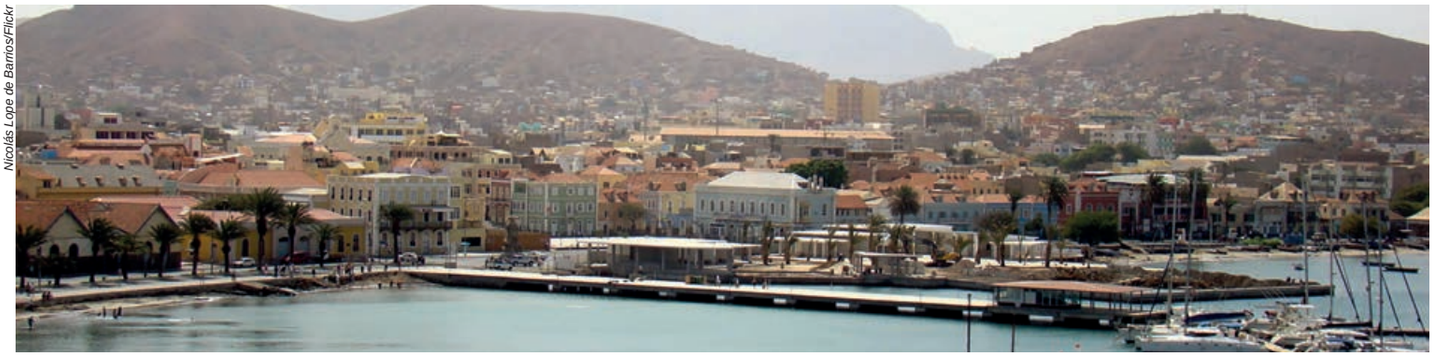
Impressão: Gráfica Camaleão

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Av. Nossa Sra. de Copacabana, 540 / sala 704
RJ – CEP 22.020-001

Tel: 55 21 2235.5922
e-mail: febrapsi@febrapsi.org

www.febrapsi.org

IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa



Nicolás Lope de Barrios/Flickr

UMA HISTÓRIA A SER LEMBRADA

O congresso ocorrerá em Mindelo, no arquipélago de Cabo Verde, de 15 a 17 de novembro

Por Leda Herrmann
Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi

Da iniciativa de colegas brasileiros e portugueses, na primeira década dos anos 2000, nasceu a ideia de conversarmos sobre psicanálise em língua portuguesa. Realizaram-se nessa época dois encontros, um cá e um lá. E os colegas brasileiros estivemos em atividades da Sociedade Portuguesa de Psicanálise nos anos seguintes.

Por outro lado, Ney e Fernanda Marinho da SBPRJ foram estabelecendo e intensificando contatos com colegas africanos – psiquiatras e psicólogos – que trabalham na área de saúde mental. Em colaboração com o setor de saúde mental da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, desenvolveram programas em Cabo Verde e Moçambique, levando-lhes também o aporte da psicanálise.

A partir daí trabalhou-se a ideia de um encontro sobre psicanálise reunindo luso falantes dos três continentes com convite extensivo para aqueles de países do leste asiático como Timor Leste; Macau; Guiné Bissau e Equatorial. E foi assim que em maio de 2016 aconteceu em Lisboa o Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, organizado por brasileiros, portugueses e africanos, no tema "Violência, Morte, Identidade", e já com a participação da Febrapsi. Nessa ocasião decidiu-se que o congresso seguinte, em dois anos, seria no Arquipélago de Cabo Verde.

Em 2017, em deliberação da Assembleia de Delegados, o congresso passou a compor as atividades da Febrapsi alocado nas diretorias científicas e de comunidade e cultura, que passariam a se responsabilizar pela Comissão Brasileira do congresso. Desde o início da presente gestão estamos trabalhando na organização do congresso juntamente com a Comissão Portuguesa e a Comissão Africana, esta composta por colegas de Cabo Verde.

Por que IV Congresso, se formalmente o primeiro realizou-se em 2016, em Lisboa? Foi a maneira encontrada para homenagear os precursores desse movimento que organizaram os dois encontros anteriores já mencionados.

Nossa primeira tarefa foi escolher um tema que ressoasse para e nos continentes onde formaram-se países de língua portuguesa. Elegemos "Rotas da Escravidão". Tema que ainda não perdeu a atualidade e sobre o qual Ignácio Paim, diretor científico da Febrapsi, escreveu em uma de nossas divulgações, lembrando Freud em 1930:

Escravidão, fenômeno milenar que acompanha paradoxalmente a história da humanização do bicho homem: o próximo como alguém a ser explorado, humilhado, utilizado sexualmente, torturado… Contudo, nosso olhar deve se direcionar, em especial, para a relação escravocrata com a África. … Retorno a um passado que segue presente – manifestando-se nas mais variadas formas de alienação – que nos dá a possibilidade de recordar, quem sabe não repetir via compulsão, e nesse processo conceber uma abertura para o elaborar.

As comissões caminharam pela organização do programa, seguindo o já adotado no congresso de Lisboa. Isto é, estruturando-o em mesas plenárias e mesas simultâneas que foram planejadas em subtemas do tema central. Todas as mesas – plenárias ou simultâneas – sempre dividem as apresentações entre um africano ou asiático, um brasileiro e um português. A temática será tratada na perspectiva transdisciplinar, ou seja, nas fronteiras de psicanálise, filosofia, literatura, ciências humanas, enfim.

Estão também previstas uma sessão de mesas clínicas na mesma estrutura de participação das outras mesas e uma sessão de pôsteres que permanecerão expostos durante a realização do congresso.

Aos que se interessarem, mais informações estão disponíveis no site da Febrapsi: www.febrapsi.org/congressos. O congresso está aberto a profissionais e estudantes de várias áreas.

Da história contada à apresentação do congresso de novembro próximo, quero finalizar com o convite aos colegas para compartilharmos essa aventura por Cabo Verde e pela psicanálise no mundo de língua portuguesa. Cabo Verde nos espera!

Febrapsi lança cursos virtuais

A Febrapsi lançará no próximo mês o projeto Cursos virtuais, visando levar a psicanálise a públicos das várias regiões do país e alcançar grupos com menor acesso geográfico às sociedades federadas e institutos de formação. As primeiras atividades serão realizadas neste semestre e funcionarão como um piloto, para adequação da logística, divulgação, áreas de interesse e integração com os grupos.

O diretor do Conselho Profissional da Febrapsi, Hemerson Ari Mendes, esclarece que, com os cursos virtuais, pretende-se atender às necessidades de muitos interessados em psicanálise, que não têm acesso a atividades psicanalíticas das federadas ou estejam isolados geograficamente. "Os cursos e palestras virtuais são uma realidade, fazem parte do dia a dia de muitas instituições, a começar pela IPA, Fepal e várias de suas federadas mundo afora", afirma. "Por meio deles driblamos as dificuldades impostas pelo trânsito, falta de tempo e isolamento geográfico e oportunizamos que pessoas em lugares e tempos distintos recebam visitas que falem de um inconsciente atemporal e ubíquo", acrescenta.

As *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (Freud, 1916-17) vão inaugurar os cursos. Segundo Hemerson, foram escolhidas por trazerem conteúdo, história e simbolismo para o projeto. "As atividades realizadas neste ano nos orientarão sobre os caminhos a seguir e será de extrema valia as participações das Federadas no projeto, com suas sugestões, divulgação e a efetiva participação de seus membros, sejam ministrantes ou participantes dos cursos", sugere ele.

Divulgação em mídias digitais

Com o foco no maior alcance da comunidade psicanalítica e do público em geral, a Febrapsi vem aperfeiçoando e diversificando seus canais de comunicação e mídias sociais. No primeiro semestre da gestão 2018-2019, várias inovações foram implementadas: reestruturação do site, criação do hotsite do Congresso Brasileiro e do canal da Febrapsi no Youtube com lançamento de vários vídeos, atualização do folder institucional, produção dinâmica de notícias para a homepage e Facebook. Em outubro será lançado o Boletim das Federadas, publicação digital com distribuição mensal a todos os membros Febrapsi.

O aplicativo da Febrapsi para celulares está sendo remodelado para se adequar às novas configurações exigidas pela Apple para atualização do produto.

O site foi reestruturado e ganhou novo layout para melhorar o acesso e a visibilidade de seus conteúdos e, com isso, favorecer a maior interação dos usuários com os temas da Febrapsi e da psicanálise. Com design moderno e funcional, a homepage é sempre atualizada com notícias e eventos das federadas, além dos textos do Observatório Psicanalítico. O menu disponibiliza busca de membros, informações institucionais, congressos, publicações, vídeos, vocabulário e textos de conteúdo psicanalítico.

O hotsite do Congresso Brasileiro foi lançado em julho, com a grade de programação provisória, acesso às inscrições e envio de trabalhos, informações sobre o congresso e uma sessão especial de vídeos gravados com psicanalistas das várias regiões do país.

O trabalho tem sido intenso, mas compensador. "Em poucos meses, aumentou significativamente o número de pessoas que acessam as nossas mídias e compartilham nossas notícias em seus perfis e páginas pessoais", afirma a diretora de Publicações e Divulgação, Cláudia Carneiro.

CONSELHO, FEDERADAS E PRESIDENTES:

CONSELHO DIRETOR:
Presidente: Anette Blaya Luz
Secretária Geral: Rosa Maria Carvalho Reis
Tesoureiro: Wagner Francisco Vidille
Diretor Científico: Ignácio Alves Paim Filho
Diretor do Conselho Profissional: Hemerson Ari Mendes
Diretora do Dep. de Pub. e Div.: Cláudia Aparecida Carneiro
Diretora de Comunidade e Cultura: Leda Affonso Figueiredo Herrmann
Diretora Superintendente: Maria Teresa Silva Lopes

ADMINISTRAÇÃO:
Gerente Administrativo Financeiro: Karel Ublo
Assessora de Comunicação: Taís Maia
Secretária: Januária Amorim

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
Editora: Marina Massi Editor
Associado: Oswaldo Ferreira Leite Netto

CONSELHO CIENTÍFICO:
Diretor: Ignácio Alves Paim Filho
Secretária: Regina Klarmann
SBPSP: Silvana Rea
SPRJ: José Henrique C. Figueiredo
SBPRJ: Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira
SPPA: Maria Cristina Garcia Vasconcellos
SPRPE: Carolina Cavalcanti Henriques
SPBsb: José Costa Sobrinho
SBPdePA: Eliane Grass Ferreira Nogueira
SPPel: Bruno Salésio da Silva Francisco
SBPRP: Alexandre Martins de Mello
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Débora Alexandre de Jesus
SBPMG: Gisèle de Mattos Brito
SPFOR: Maria de Lourdes Negreiros Lima
GEPG: Luciane Guelli Gifford Carneiro
GEPCampinas: Vera Lucia Colussi Lamanno Adamo
GPC: Sérgio Seishim Kaio

DELEGADOS
Bernardo Tanis, José Martins Canelas Neto, Paulo da R. L. Quinet de Andrade, Ronaldo Victer, Wania Maria Coelho Ferreira Cidade, Fernanda de Medeiros Arruda Marinho, Zelig Libermann, Cátia Olivier Mello, José Fernando de Santana Barros , Magda Sousa Passos, Roberto Calil Jabur, Carlos de Almeida Vieira, Ana Paula Terra Machado, Ignácio Alves Paim Filho, Graciela Huecu Maldonado Loch, Rosaura Rotta Pereira, Silvana Maria Bonini Vassimon, Silvana Mara Lopes Andrade, Eliana Maria dos Santos Lobo, Rosa Maria Raposo de Almeida Albé, Miriam Catia Bonini Cadorniz, Paulo Marcio Bacha, Edna Pires Guerra Tôrres, Thereza Cristina Paione Rezende, Regina Célia Cardoso Esteves, Petrônio Sá B. Magalhães Júnior, Luciane Guelli Gifford Carneiro, Álvaro Alves Velloso, Martha Prada e Silva, Joice Calza Macedo, Géo Marques Filho, Edna Romano Wallbach

PRESIDENTES DAS FEDERADAS:
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Bernardo Tanis
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Paulo da R. L. Quinet de Andrade
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Wania Maria Coelho Ferreira Cidade
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Zelig Libermann
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
José Fernando de Santana Barros
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Roberto Calil Jabur
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Ana Paula Terra Machado
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Graciela Huecu Maldonado Loch
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Silvana Maria Bonini Vassimon
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4)
Eliana Maria dos Santos Lobo
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Miriam Catia Bonini Codorniz
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Edna Pires Guerra Tôrres
Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Regina Célia Cardoso Esteves
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)
Luciane Guelli Gifford Carneiro
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)
Martha Prada e Silva
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)
Géo Marques Filho

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

Belo Horizonte

Pelotas

Recife

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Jornadas preparatórias para Congresso Brasileiro impulsionam debate sobre "O estranho"

Com o tema "O Estranho – Inconfidências", o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise foi lançado em março, em evento conjunto da Febrapsi, Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e Sociedade Psicanalítica de Pelotas. Desde então, a Febrapsi vem realizando, mensalmente, em parceria com suas federadas, instigantes debates em jornadas preparatórias para o congresso.

Segundo o coordenador científico do Congresso, Ignácio Alves Paim Filho, o tema escolhido mostrou-se um celeiro fértil de ideias, instigando os psicanalistas a refletirem sobre as várias faces que compõem as sensações de estranhamentos.

Em abril, em Recife, o encontro científico da Febrapsi com as Sociedades Psicanalíticas de Recife e de Fortaleza abordou não apenas o tema do Congresso Brasileiro, mas também o do IV Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa: Rotas da escravidão. Com a participação do historiador Jorge Siqueira (UFPE), os componentes da mesa redonda propiciaram um inquietante debate sobre o mal-estar na sociedade brasileira atual e a presença de nossa herança escravocrata nas relações sociais, culturais, econômicas e de poder.

Múltiplas faces do Eu – A temática do Estranho apresentou-se novamente nos debates da Jornada Anual da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais, ocorrida em maio, em Belo Horizonte, com a parceria da Febrapsi. Com o tema "Intuição e percepção: as múltiplas faces do Eu", a jornada abordou discussões em torno da apreensão da realidade psíquica: intuição e percepção; cisão do Eu: do estrutural ao psicopatológico; e uma reflexão sobre o conceito de percepção e o primado do outro na obra de Laplanche, que reuniu numa mesa os psicanalistas convidados José Carlos Calich |(SPPA) e Paulo Ribeiro (UFMG).

Em agosto, a Febrapsi realizou atividades em parceria com a Sociedade Psicanalítica de Pelotas. O tema de destaque: os estranhos caminhos da ternura à ética, apresentado pela psicanalista Regina Klarmann, secretária do Conselho Científico da Febrapsi; seguido de outro tema igualmente instigante: o complexo de castração em tempo de novas configurações, apresentado por Ignácio Paim.

A cidade do Rio de Janeiro sediou em setembro uma atividade conjunta da Febrapsi com a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais. Mesas sobre o estranho na obra de Freud; racismo; o estranho em nós, na filosofia, na atualidade; e, por fim, na obra de Guimarães Rosa estimularam um debate que retoma sempre ao seu ponto de origem: será a psicanálise uma ciência do estranho?

XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise

Estranhas sensibilidades: um desafio para nosso tempo

Por Ignácio Alves Paim Filho
Diretor científico da Febrapsi

Minhas boas coisas realmente chegam em períodos de sete anos: em 1891 comecei as Afasias, e 1898/9 com a Interpretação dos Sonhos, em 1904/1905 com o Chiste e a Teoria sexual, em 1911/1912 a questão do Totem; ou seja, não posso contar com nada importante antes de 1918/19

(Freud a Ferenczi, 09/07/1913).

Capagov/Flickr

Tempo, um enigma e um desafio. Enigma que mantém sua singularidade pela impossibilidade de se fazer plenamente compreendido, no seu eterno trânsito entre o ser conhecido e desconhecido. A pretensão de defini-lo é um desafio irreverente, que se desenha entre equívocos e estranhamentos, entre as múltiplas possibilidades de significação e ressignificação. É um cenário compatível com a atemporalidade do inconsciente, com sua própria temporalidade, encenada em suas inúmeras formas de retorno: *o presente é o tempo em que os desejos se representam como realizados* (Freud, 1900). Esta afirmação revela a relação sinistra na tríade passado-presente-futuro. Ela contém em si o anúncio, pelo verso e seu reverso, de uma unicidade paradoxal: o tempo presente que é passado, mas segue presente, anunciando o futuro com sua transitoriedade.

Uma das marcas da realização da misteriosa profecia temporal de Freud, *O Estranho* (1919), em seu centenário, foi eleito tema central da 27ª edição do Congresso Brasileiro de Psicanálise (1969-2019), que completa 50 anos de história. É uma convocação para lançarmos um olhar e uma escuta, com boa dose de sensibilidade, para a sua pertinência em nosso presente/futuro, com seus excessos narcísicos. A esse tema juntamos a inquietante proposição das Inconfidências, em sintonia com o legado histórico dos movimentos "Inconfidentes do Brasil" pela busca de autonomia, tendo Minas Gerais como referência. Por esses caminhos familiares e não familiares encontramos no poeta romano Virgílio um ponto de convergência entre o pensamento de Freud (1900) "Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo" e o dos nossos inconfidentes (sec. XVII) "LIBERTAS QUÆ, SERA TAMEN", ambos se rebelam contra o cômodo e o estabelecido. Compromisso por excelência da psicanálise?

Esse estranho compromisso tem-se mostrado fértil na função de desacomodar o pensamento freudiano. Um processo que começa a desalojar, desde 1919, os saberes até então instituídos. Momento de lançar os fundamentos especulativos para o *assombrosamente belo* (Freud, 1911) da pulsão de morte: a repetição do além do desejo se corporifica; a tópica de 1900 se agita, exigindo uma nova geografia; *Batem em uma criança*, com seu masoquismo, põe em marcha a construção do postulado de uma passividade originária; o inconsciente não recalcado trabalha pelo reconhecimento do seu território; o narcisismo movimenta-se em prol da necessidade de reconfigurações; o fenômeno do duplo dramatiza os mandatos endogâmicos com sua destrutividade; os objetos primários proclamam seu protagonismo via identificações primárias...

Todo esse contexto, em sua intertextualidade, revela as sutilezas da força demoníaca e transformadora do caldeirão pulsional de nossas origens, que faz uma exigência de trabalho ao psíquico e ao saber instituído. É o eterno convite de Freud, o inconfidente, a todos nós: o de seguirmos fazendo (in)confidências, tomando por referência a máxima: *Aquilo que não podemos alcançar voando, temos de alcançar mancando* [...] *mancar* não é pecado (Rückert, citado por Freud, 1920). Afinal, todos fomos Édipo na fantasia, portanto, fadados a renunciar ao desejo da completude, em nome do temor sinistro da castração: o trabalho do luto.

No clássico *O Estranho*, nosso pensador claudicante propõe-se de maneira inédita a trabalhar uma mítica estética psicanalítica, adentrando o universo da filosofia. Para realizar tal meta, apropria-se da necessidade de o psicanalista se aventurar ao pensar sobre aquilo que normalmente se encontra excluído, ou melhor, negligenciado nos tratados sobre a matéria: *as qualidades do sentir,* em seu vínculo com o repulsivo e o doloroso. Coerente com seu estilo provocativo, tomando a si como modelo, solicita ao analista conectar-se com essa peculiaridade da estética, recomendando que o faça em nome de um âmbito particular e *marginal.* Para efetivar tal aspiração, preconiza uma *extrema delicadeza dos sentidos*.

Convidamos a todos para se deixarem tocar, sem temor de mancar, pelas estranhas sensibilidades do texto freudiano, da clínica e da cultura, e dar narrabilidade ao que é do âmbito marginal. Mas, para viabilizar essa criação, Freud (1919) adverte: *deve começar por transportar-se para esse estado de sensibilidade, despertando em si a possibilidade de experimentá-lo*.

Minas Gerais nos aguarda.

Atividade em Inhotim e *Working Parties* na pré-abertura do Congresso

Evento de um dia no museu ao ar livre promoverá encontro da arte com a psicanálise

A sede do próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise, em junho de 2019 em Belo Horizonte, favorecerá um encontro da arte contemporânea com a psicanálise. A 60 km da capital mineira, o Instituto Inhotim de Arte Contemporânea será palco para uma atividade científica pré-congresso, no dia 18 de junho.

Greggio/Flickr

Caleidoscópio: Vista de Inhotim fotografada a partir da obra de Olafur Eliasson, Viewing Machine, 2001

O Instituto Inhotim é considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina, com pavilhões, galerias e obras expostas em seu planejado jardim botânico. A atividade "No estranho", organizada especialmente para o congresso oferecerá um ambiente de debates e reflexão, tendo como foco os artistas brasileiros que ali mantêm obras permanentes: Tunga, Ligia Pape, Helio Oiticica, Cildo Meireles, Adriana Varejão, Waltércio Caldas e os mineiros Rivane Neuenschwander, Valeska Soares e Amílcar de Castro.

A atividade é preparada em torno do tema do Congresso, "O estranho". A psicanalista Silvana Rea (SBPSP), da comissão organizadora, comenta que o estranho é tema comum para a estética e a psicanálise. "Sabemos que Freud dedicou-se às artes plásticas em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910) e *Moisés de Michelangelo* (1913). Mas foi em *O estranho* que ele, além de discorrer sobre o retorno do recalcado, introduziu reflexões que serão desenvolvidas a partir de 1920. Suas observações dimensionarão a arte, do imaginário ao enigmático, deslocando-nos para a estética da estranheza", afirma.

Segundo Silvana, esta é a proposta aos participantes da atividade ao longo do dia: a de imersão na experiência do estranho. A parte da manhã será dedicada à visitação dos artistas. Cada espectador terá sua própria vivência diante das obras. À tarde haverá mediações, em palestras de psicanalistas e profissionais da arte, abordando "O estranho" segundo as afinidades poéticas dos artistas escolhidos. A programação inclui a presença da grafiteira Luna Buschinelli em pleno trabalho.

A atividade de Inhotim é organizada pela comissão da SBPSP, Silvana Rea (coordenadora), Cíntia Buschinelli, Selma Terezinha Fernandes Jorge e Francisca Vieitas Vergueiro; Gisèle de Mattos Brito (SBPMG), da comissão científica local do Congresso; sob a coordenação científica de Ignácio Alves Paim Filho, diretor científico da Febrapsi.

Working parties oferecem experiência diferenciada de escuta

Já tradição nos congressos de psicanálise, os Working Parties atraem, a cada nova edição, psicanalistas interessados em vivenciar essa experiência diferenciada de escuta e de investigação do método psicanalítico, a partir da observação e discussão em grupo. No Congresso Brasileiro de 2019, os WP ocorrerão nos dias 18 e 19 de junho.

Abertos apenas para membros e candidatos da Febrapsi e com número limitado de participantes, esses grupos de trabalho funcionam como um laboratório ampliado de uma sala de análise, com o objetivo de promover discussões sobre os diversos modos de se pensar e de se trabalhar em psicanálise. O interessado em participar de um WP deve se inscrever com antecedência, no hotsite do Congresso, acessando o endereço: www.febrapsi.org.

Para o XXVII Congresso Brasileiro, estão programadas cinco modalidades de Working Party: Escuta da escuta, coordenado por Cláudio Eizirik (SPPA) e Sérgio Lewkowicz (SPPA); Método clínico comparado da América Latina (CCM), por José Carlos Calich (SPPA) e Elizabeth Lima da Rocha Barros (SBPSP); Microscopia da sessão analítica, por Roosevelt Cassorla (SBPSP e GEPCampinas); Modelo dos três níveis (Three-Level Model ou 3-LM), por Bruno Salésio (SPPel); e Sobre a especificidade do tratamento psicanalítico hoje, por César Luís de Souza Brito (SPPA).

Atividades inéditas diversificam a programação

A programação do Congresso de 2019 promete enriquecer o debate de ideias e da clínica contemporânea, com atividades inéditas propostas pela coordenação científica. Dentre as novidades, destacam-se os *Diálogos*, a *Clínica dos "fracassos"* e *Conversas "não psicanalíticas"*. Os *Diálogos* serão encontros entre dois psicanalistas experientes convidados a exporem as convergências e divergências de um tema específico, proposto pela comissão científica. Pretende-se criar um encontro fértil para novos pensamentos.

A *Clínica dos "fracassos"* será um espaço para se falar das experiências na clínica e mobilizar os participantes a pensarem sobre os chamados casos fracassados. Fracassam mesmo? E ainda, as *Conversas "não psicanalíticas"*: durante o congresso haverá a oportunidade de se conversar sobre o que não é psicanálise, e com aqueles que estão iniciando a prática clínica.

Os *Exercícios clínicos* e *Estudos de casos* também fazem parte da programação. *Reflexões* será uma atividade com psicanalistas convidados a discorrerem sobre um tema de profundo conhecimento e conversarem com a plateia. Haverá vários cursos ministrados por psicanalistas e 110 mesas redondas, compostas por colegas de diferentes federadas, além do espaço aberto para temas livres, cujos trabalhos já podem ser enviados online.

Assombro

Leopold Nosek
Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
nosek@terra.com.br

Quando procurava um título para a coletânea de artigos que lancei no ano passado, sugeriram-me *A disposição para o trauma*. Recusei, não só pela baixa ressonância poética, mas porque a multiplicidade de sentidos das palavras "trauma" e "traumático" traria uma enganosa facilidade de compreensão. Preferi *assombro* no lugar de *trauma*. Após a publicação me lembrei desta afirmação de Aristóteles: o assombro é o primeiro passo da construção filosófica.

Se tornarmos mais prosaica essa assertiva e afirmarmos que o pensamento se inicia pelo assombro, teremos a ideia básica que origina a psicanálise. Desde o *Projeto para uma psicologia científica*, Freud se pergunta como as quantidades de estímulos que recaem sobre o espírito se transformam em qualidades psíquicas. Sublinho que o espírito sempre se coloca a questão de evitá-los ou torná-los pensamento e que o traumático diz respeito a um ordenamento econômico, a uma relação entre o estímulo e sua elaboração insuficiente. Assim, qualquer estímulo pode estar na esfera do traumático, a depender da qualidade do processo de sonho ou de pensamento.

Troquemos *trauma* por *assombro* e poderemos refletir sem tecnicismo sobre questões que nos afetam como cidadãos. Quero comentar um fenômeno que se verifica mundialmente: defrontamo-nos a todo momento com uma pletora de opiniões isentas de complexidade e emitidas sem nenhum grau de dúvida, sobre todo e qualquer assunto. É uma epidemia que nos assola nos jornais, na televisão, nas redes sociais e de difusão instantânea de notícias.

Ninguém ignora como esse grau de certeza autoriza a violência e o ódio que têm se infiltrado no cotidiano, bem como as notáveis distopias que vemos em nossos consultórios e em caminhos desumanizados que a sociedade vai trilhando. A verdade da informação se turva pela contínua renovação do noticiário e por justaposição arbitrária de temas: ao drama social, seguem-se os gols da véspera, a catástrofe natural, a alta dos juros, a intimidade de um ator – e tudo adquire a mesma importância. As novas mídias propagam fulminantemente a notícia – verdadeira ou não –, em mensagens brevíssimas que dali a minutos as tornam dogmas, os quais a manipulação dos algoritmos reforça ainda mais. A isso se aliam as onipresentes ofertas de consumo, revelando-nos cada "necessidade" nossa. De fato, temos todos uma mesma identidade: somos consumidores em potencial.

Por que as certezas se tornaram gênero de primeira necessidade?

O conceito de *anomia* proposto por Durkheim [1858-1917] nos dá uma direção. Em suma, trata-se da perda das regras de conduta, crenças e valores de uma sociedade, ao longo de um processo de transformação que desorganiza os indivíduos, em conflito perante padrões contraditórios.

Vimos o fim da polarização ideológica pós-II Guerra e do chamado socialismo real. A economia se globaliza, com empresas maiores do que nações; os valores ligados à ideia de estado nacional se afrouxam ou se exacerbam; assistimos à surpreendente ascensão do capitalismo chinês; centenas de milhões de novos participantes entram no sistema. O cotidiano muda em ritmo vertiginoso. Pensemos, por exemplo, na duração da vida. Hoje não é incomum viver até os 90 anos. Contudo, profissionais de diferentes setores se tornam obsoletos aos 50 anos, o que gera impasses de toda ordem. Se antes uma geração não compreendia a seguinte, hoje o choque ocorre no interior de uma mesma geração. Não à toa, educadores propõem que a boa formação deve preparar para a mudança permanente. Mas aí um paradoxo: as intenções racionais se revelam insuficientes.

A psicanálise tem o que dizer sobre isso. Sabemos que, para deixar o estado de caos, as estimulações necessitam que o espírito as aborde. Pós-freudianos como Winnicott, Laplanche e Bion nos ensinam que é preciso outra subjetividade em relação íntima para que tal aconteça. No início, nós a nomeamos *mãe*. Sem ela não haverá elaboração – e eis aí o traumático por carência de "órgão" elaborador. Se este é primeiro a função materna, será depois tudo o que chamamos cultura e depois, por apropriação individual, a capacidade de pensar.

Acontece que, em momentos de mudança ininterrupta, não há tempo de devaneio nem tempo para relações com suficiente intimidade para a maturação do pensamento. Em toda passagem geracional o acervo cultural se mostra insuficiente, mas isso vai a extremos na sociedade contemporânea. O excesso se torna a regra: trauma por intensidade e trauma por carência. Algumas correntes psicanalíticas veem carência de função paterna na atualidade; quero crer, mais radicalmente, que temos carência é de função materna. Sem elaboração, até o amor se torna excessivo.

Pensemos, por exemplo, na duração da vida. Hoje não é incomum viver até os 90 anos. Contudo, profissionais de diferentes setores se tornam obsoletos aos 50 anos. Se antes uma geração não compreendia a seguinte, hoje o choque ocorre no interior de uma mesma geração.

A expressão "assassinato da alma", cunhada por Shengold para nomear o trauma do abuso infantil, ajuda a pensar o buraco negro criado pelo excesso. O núcleo traumático age sobre a mente como uma pseudopulsão, diz Laplanche. É a mudança de paradigma das patologias ditas contemporâneas: uma aguda diminuição da capacidade de pensar e sonhar. Não abordado, o assombro instrumentaliza a alma com defesas poderosas que, no âmbito argumentativo deste texto, diria que torna as certezas epidêmicas. A certeza é o antídoto do espanto. É como se a vida não fosse mais assombrosa, tudo se equaciona de forma rasa e imediata.

Lembro um quadro bem conhecido de desamparo. Em 1970, na fase mais cruel da ditadura militar, cantava-se para a Seleção tricampeã: "*90 milhões em ação, pra frente, Brasil...*" Metade da população – 45 milhões de pessoas – era urbana, metade vivia nas zonas rurais. Na virada do século, éramos perto de 200 milhões, com a população rural correspondendo a 15% do total e 170 milhões habitando as cidades. Ou seja: em 30 anos o contingente urbano cresceu em 125 milhões de pessoas.

Com o deslocamento demográfico, outra forma de pobreza se organiza: à miséria rural, soma-se a miséria cultural da precária instalação na periferia das cidades. Perdem-se as raízes da cultura de origem, o grupo familiar se distancia de seus padrões, a sobrevivência requer instrumentos desconhecidos. Imagine-se o impacto dessa nova estimulação sobre as subjetividades. O homem não tem recursos íntimos para ser o provedor tradicional; mais e mais mulheres se tornam chefes de família; crianças pequenas são cuidadas por crianças um pouco maiores. Já não há desnutrição endêmica, mas temos aí, pela carência de relações íntimas precoces e de retaguarda cultural, o cenário para uma epidemia de distopias de desenvolvimento do espírito. Adaptando Shengold e trazendo uma metáfora que me tem sido útil, visualizamos um genocídio de almas. Onde o tempo do sonho? Onde o espaço do assombro?

Encerro aqui, esperando ter esboçado alguns tópicos de interesse para um debate que os tempos cobram insistentemente de nós.

Elogio ao Estranho

Vera Lamanno Adamo
Membro efetivo e analista didata do GEPCampinas e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
vlamannoadamo@gmail.com

Partindo da sugestão de Freud (1919) de que o Estranho na literatura é um campo muito mais fértil do que o estranho na vida real, vou me valer do romance de Caryl Phillips (2006), *Uma Margem Distante,* para colocar em relevo o jogo especular entre o estranho/estrangeiro em nós mesmos e o estranho/estrangeiro no outro.

Tendo como pano de fundo uma Inglaterra em mudança, Phillips constrói duas vidas paralelas: a de Solomon, refugiado de um país africano, buscando encontrar na Inglaterra o lar que sua pátria natal já não mais lhe oferece, e a de Dorothy Jones, inglesa aposentada, que progressivamente perde todas as suas referências sociais e afetivas. Ele, um refugiado negro na Inglaterra. Ela, uma inglesa aposentada se sentindo uma estrangeira em seu próprio país.

Solomon, nascido Gabriel, tenta escapar de uma guerra fratricida que muda drasticamente a vida de sua pequena tribo habitada por pessoas que "trabalhavam duro e não faziam mal a ninguém". A guerra transborda rebeldes e metralhadoras por todos os lados. A população é dizimada. Gabriel é enviado pelo pai para integrar o exército de liberação. Como sargento do exército rebelde, assume o nome de Falcão e a liderança de seu grupo.

Após testemunhar, escondido, o massacre de toda a sua família e praticar, ele mesmo, atos de violência, decide que é hora de abandonar "a parede cheia de cicatrizes de buracos de bala".

Como muitos outros famintos e desorientados, Gabriel/Falcão busca abrigo na Europa, tida como um porto seguro. Após ser desrespeitado, acusado indevidamente, preso e libertado, Gabriel/Falcão adota o nome de Solomon: "como na Bíblia". Com o novo nome passa a trabalhar como vigia noturno, "o faz-tudo" em Stoneleigh, um condomínio de chalés recém-construídos no alto da colina de uma pequena e tradicional cidade inglesa: "talvez encontrasse paz no silêncio e quietude embaixo da veia prateada de Londres".

Sempre com maneiras educadas, gentis e repletas de etiquetas, Solomon tenta, através de cortesia dissimulada, se comportar como os britânicos, apagar-se de tal modo que nenhum traço da identidade passada sobreviva. Destaca-se o vazio na sua sala de estar. Não há fotos de família ou sinais que possam revelar a sua identidade.

Dorothy Jones é uma mulher de 55 anos que perdeu o pai, a mãe, a irmã e um casamento de três décadas. Uma professora de música que não absorveu as mudanças do sistema educacional britânico e se aposentou prematuramente. Busca juntar os cacos de sua existência mudando-se para um dos chalés em Stoneleigh. No alto da colina busca manter os velhos costumes e deixar as perdas para trás.

Solomon e Dorothy: ambos tentando se desvencilhar do estranho/estrangeiro em si mesmo, aquele tão estranhamente familiar, conhecido de velho, que assombra e causa horror. Um em terra alheia e a outra na própria terra natal. Cada um a seu modo tentando transformar o *unheimlich*, o lúgubre e sinistro, em *heimlich*, o íntimo, o doméstico, o amistoso.

Solomon busca trocar de pele para abolir em si mesmo a guerra, a brutalidade, o massacre. Acredita que, assim, poderá viver normalmente no país dos brancos. Por sua vez, Dorothy, no "alto da colina", tenta manter a qualquer custo os velhos hábitos, para anular de vez as mudanças em seu país e em sua vida, que introduziram uma brutal ruptura no seu cotidiano.

O estranhamente familiar deve permanecer oculto.

No entanto, Solomon e Dorothy, num cruzamento projetivo, tornam-se os odiados estranhos/estrangeiros de Stoneleigh. Dorothy se sente pressionada a passar por um processo de pasteurização/homogeneização, mas quanto mais a encaram "como se tivesse a marca de Caim na testa", mais Dorothy se finca no seu antigo jeito de viver.

Quanto a Solomon, os eventos lhe mostram que por mais que tentasse anular o seu ser, não poderia mudar a sua condição de negro/estranho/estrangeiro. Enviam-lhe cartas para que vá embora da vila, lançam insultos em sua direção, cospem e riem nas suas costas. Quanto mais o encaram e insultam, mais Solomon responde educadamente.

Neste jogo especular cruzado, o estranhamente familiar há de permanecer fixado na exterioridade.

Aos poucos Salomon e Dorothy vão tecendo uma relação estreita. A presença do outro alivia a solidão e a alienação. Uma amizade aparentemente improvável, buscada como um possível abrigo estável. No entanto, algum tempo depois Solomon é assassinado, mas a polícia não tem pista. Disseram a Dorothy que não há nada necessariamente suspeito, embora tenham encontrado indícios de contusão na cabeça. A verdade é que não se sabe se estão de fato investigando: "não há fita amarela da polícia ou avisos procurando testemunhas. Faz apenas dois dias que um homem morreu afogado nessa vila, mas tudo continua como se estivesse normal".

Na clínica de doentes mentais, Dorothy murmura:

> – Meu coração permanece um deserto, mas eu tentei. Tinha a sensação de que Solomon me compreendia. Aqui não é meu lar, e até que eles aceitem isso, então vou ficar tão expressamente silenciosa como um pássaro voando. Em algum momento, antes do amanhecer, quando a luz começar a escorrer vagarosamente pelo céu noturno, levantarei da minha cama e vestirei minha cara diurna.

Uma Margem Distante coloca em evidência o jogo especular cruzado, mortífero, entre o estranho em nós mesmos e o estranho no outro. Uma dinâmica que mantém o Estranho retido no outro, tendo como consequência a solidão, o isolamento e a alienação.

Como conviver com o Estranho, sem ceder à tentação de fixá-lo na exterioridade ou pasteurizá-lo? Como sustentar o apego ao Estranho em nós mesmos e entre nós outros, e o inevitável fracasso de ocultá-lo ou desvendá-lo de cabo a rabo?

Referências

Freud, S. (1990). O estranho. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

Phillips, C. (2006). *Uma margem distante.* Rio de Janeiro: Editora Record.

Em 2006, o mundo assistia à guerra entre Israel e Líbano e à violência no Iraque invadido pelos Estados Unidos, quando o psicanalista Cláudio Eizirik (SPPA), então presidente da Associação Psicanalítica Internacional, esteve na Organização das Nações Unidas para falar sobre a contribuição psicanalítica na prevenção do ódio e violência transmitidos para gerações futuras. O Febrapsi Notícias *reproduz aqui seu pronunciamento, extremamente atual para a realidade brasileira e oportuno para o debate sobre o* Estranho *odiado no outro e em nós mesmos.*

Cláudio Laks Eizirik
Analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre
ceizirik.ez@terra.com.br

Transmissão intergeracional da guerra, ódio e violência: uma perspectiva psicanalítica

Dentre as muitas contribuições de Freud para a compreensão da mente e do comportamento humano, gostaria de destacar particularmente seus *insights* sobre o conflito contínuo entre amor e agressão e o modo pelo qual essa tensão produz poderosos mecanismos mentais inconscientes que podem levar a diferentes expressões de ódio, violência e guerra. Essa luta interna é influenciada significativamente pela maneira como a educação inicial dos filhos contribui para promover agressão ou, alternativamente, desenvolver e reforçar a capacidade de amar e ter consideração pelos demais.

Isto significa que o processo de crescimento mental de toda uma vida começa com a qualidade da relação mãe-bebê, junto com a presença da figura paterna (ou alguém equivalente), essencial para o desenvolvimento do princípio da realidade. A família e a comunidade dão suporte, estimulam e apoiam a capacidade do indivíduo de pensar independentemente e transformar sentimentos primitivos em expressões de relação civilizada com os outros.

Esse processo de desenvolvimento da subjetividade necessita, idealmente, de ótimas ou pelo menos adequadas condições internas e externas. Quando faltam estruturas sociais democráticas e abertas, um dano significativo pode ocorrer.

Tratamentos analíticos de vítimas do holocausto, de ditaduras, de situações de abuso ou de outras expressões de violência demonstram como esses eventos traumáticos são psicologicamente integrados e representados. Existe frequentemente um luto não resolvido e uma incapacidade de simbolizar. Essas deficiências nos processos mentais podem ser, e frequentemente o são, transmitidas de modo a reemergir em futuras gerações.

Há uma importante diferença entre transmissão psíquica intergeracional e transgeracional. A primeira diz respeito à transmissão consciente de conteúdo e processos mentais, tais como identificação e fantasias, que são organizados na história familiar e herdados pela geração subsequente, resultando em um efeito estruturador do aparelho mental. Já a transmissão transgeracional ocorre inconscientemente e é transmitida às futuras gerações. Envolve conteúdos mentais que são dissociados e não simbolizados por palavras ou histórias. Portanto, afetos primitivos e não integrados resultantes de trauma, dor e perda não são elaborados nem resolvidos. Esse tipo de transmissão permanece encapsulado, agindo como uma violenta intrusão no sentimento de *self* do indivíduo e sendo transmitido para futuras gerações.

Diferentes formas de preconceito manifestado por meio de racismo, falta de respeito por minorias, mulheres, idosos e imigrantes podem produzir transmissão transgeracional. Quando a figura paterna é provedora da mentira, torna-se impossível desenvolver o aparelho mental e a noção de subjetividade e estabelecer valores sociais adequados.

A psicanálise é uma disciplina cujos *insights* podem fornecer uma visão profunda e crítica de uma cultura e de sua saúde mental.

A situação atual do mundo, com áreas dominadas por tormentosa pobreza, guerras étnicas, fundamentalismo religioso, violência urbana e outras, produz trauma e violência que podem somente contribuir para a transmissão de mais ódio e violência às gerações futuras.

O que fazer para prevenir essa transmissão negativa de ódio? No meu ponto de vista, prevenção requer ação urgente, particularmente direcionada para crianças e suas famílias, nas quais essa transmissão odiosa e violenta se manifesta. A falta de atenção a isso pode, eventualmente, acabar produzindo os terroristas de amanhã. Melhorar as condições básicas de vida, saúde e educação por meio de investimentos massivos nas áreas pobres do mundo é uma forma essencial e concreta de prevenir o desenvolvimento do ódio, da guerra e da violência.

Informados pelo conhecimento psicanalítico, sabemos que estabelecer formas de reduzir a divisão social e a projeção do ódio é importante mecanismo para coesão social. Isso requer encontrar caminhos para implementar a difícil tarefa de ouvir os outros, seja o estranho ou até mesmo o inimigo. Foi Freud quem discutiu como esse "estranho" é, de fato, alguém que representa uma parte oculta e indesejada de nós mesmos. Um bom exemplo de ouvir o outro foi recentemente estabelecido na Fundação Baremboim-Said, na qual, por meio da música, crianças israelenses e palestinas aprendem como ouvir uns aos outros e a tocar juntos.

Sob a perspectiva psicanalítica, compreendemos a necessidade de se produzir e tocar novos sons, que só podem ser ouvidos quando esforços conjuntos unem diferentes pessoas, com valores e preconceitos distintos, para então construir tolerância e novas formas de trabalhar juntos.

Recentemente a IPA criou comissões para refletir e desenvolver nosso pensamento, por meio de conferências e publicações, em temas como terror e terrorismo, preconceito, antissemitismo, efeitos psíquicos da exclusão social e o desenvolvimento de crianças e adolescentes. Nossa comissão nas Nações Unidas está ativamente envolvida com ideias sobre temas sociais. Nossos membros não estão apenas engajados no trabalho psicanalítico visando reduzir a dor psíquica de nossos pacientes. Muitos também são amplamente ativos na comunidade nas áreas da educação, psiquiatria, psicologia e programas de prevenção e saúde mental.

A contribuição psicanalítica na prevenção do ódio, guerra e violência acontece, portanto, de duas formas. Primeiro, com o tratamento de pacientes cuja transformação psíquica também produzirá mudanças positivas em suas gerações subsequentes e, segundo, com a participação em atividades conjuntas ou iniciativas nas quais possamos mostrar o quanto a escuta aberta pode corrigir percepções distorcidas e aumentar a capacidade de tolerar e identificar-se com o outro.

Naturalmente, não se trata de tarefa fácil. É também uma tarefa intergeracional. Nós compartilhamos da convicção de Freud de que, apesar dos muitos desafios, a voz da razão é suave, mas nunca desiste de tentar ser ouvida. A Associação Psicanalítica Internacional participa com grande determinação do esforço internacional para que possamos ouvir as vozes dos que sofrem e são excluídos e procuremos produzir novos sons, de maior tolerância e aceitação do outro.

Texto traduzido e editado do original "Approaches to prevention of intergenerational transmission of war, hatred and violence – a psychoanalytic perspective" (2006).

Intolerância e violência no mundo contemporâneo

Comentário ao texto de Cláudio Eizirik apresentado na ONU em 2006

Miguel Sayad
Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
mi.sayad@gmail.com

> "Na vida mental do indivíduo alguém está sempre envolvido, seja como modelo, objeto, auxiliar ou adversário; e assim a psicologia individual é desde o início psicologia social, num sentido amplo, porém plenamente justificado"
>
> *(Freud, 1921)*

Novamente, a partir do estímulo e, digamos, da provocação benigna de Eizirik, escrevo sobre a condição contemporânea de intolerância e violência no mundo atual. Não que antes tivéssemos um mundo mais harmonioso, entretanto acreditamos que, conforme disse Freud citado por Eizirik, "a voz da razão é suave, mas nunca desiste de tentar ser ouvida".

Antes, em 2009, em Genebra, apresentei "Uma contribuição psicanalítica face às ameaças à Saúde das Nações", representando o Comitê da IPA junto à ONU. Após mais de 30 anos acompanhando processos psicanalíticos em meu consultório particular, na solidão e com certo distanciamento do mundo, desde 2007, ano do Congresso da IPA em Berlim e início do período em que participei do Comitê da IPA em relação consultiva com a ONU, tenho estudado e me interessado cada vez mais na interferência possível da psicanálise nos processos sociais traumáticos e pós-traumáticos e em sua contribuição para uma nova organização social.

É bastante *estranho* que "conteúdos mentais fiquem dissociados e não simbolizados" e ainda assim exerçam determinante influência em nossas ideias e, principalmente, conduta e ações.

E, mais estranho ainda, sejam transmitidos, sem que tenhamos qualquer consciência de responsabilidade, às gerações seguintes. E mais: não necessariamente à geração seguinte, mas emergindo em gerações posteriores, como se houvesse uma espécie de período de latência silencioso e sinistro além de nossa compreensão.

Eizirik, em seu importante artigo de 2006 sobre a IPA, fala da responsabilidade de se intervir internacionalmente nos conflitos gerados pela transmissão transgeracional do ódio e violência – e eu acrescento, do preconceito e racismo. E, talvez, na base de toda essa construção ilusória de superioridade por herança e descendência paterna, a pureza e homogeneidade da raça, em função da crença em um pai ideal, onipotente, portador do bem e acima da verdade subjetiva.

Eizirik sugere que o modo de relação dos pais durante a infância precoce dos filhos e o ambiente sociopolítico em que se desenvolvem essas crianças – a família e a comunidade – são fatores determinantes nessa estranha transmissão.

Sugere também que essa *estranha e maligna transmissão* deve-se ao fato de que os conteúdos e ideias dissociados são assim mantidos por não serem simbolizados por meio de palavras e estórias, apontando para o que hoje é cada vez mais reconhecido e utilizado como forma de integração ou reintegração das próprias subjetividades: o contar histórias compartilhadas, um equivalente do uso de palavras em livre e libertária associação nos processos psicanalíticos e das interessantíssimas *construções em psicanálise*, que configuram estórias construídas em função da subjetividade da dupla cliente/psicanalista.

Assim, vou focar nas histórias e estórias silenciadas de nossa história, e na invisibilidade cordial em que elas são mantidas entre nós, consciente ou inconscientemente. Pois acredito que, contando estórias, possamos reaver nossa história fundada no real da experiência subjetiva de cada um de nós.

Eizirik mencionou, como exemplo paradigmático para reverter a tendência de denegar o que nos constrange ou fere moralmente, "a tarefa difícil de ouvir o outro, seja estranho, ou mesmo inimigo". Deu o exemplo da orquestra Divan, formada por palestinos e israelenses. Insistiu na "necessidade de produzirmos e tocarmos", brincarmos, "com novos sons que só podem ser ouvidos quando esforços conjuntos" congregam diferentes pessoas, com diferentes crenças, valores e preconceitos, de modo a construirmos uma rede de tolerância ao reconhecimento de nossos malfeitos e estabelecermos uma nova e visível convivência.

Ele conclui: "Nós todos devemos nos unir para escutar e ser escutados". Portanto, para falarmos e não permitirmos que o difícil de ser ouvido o seja e logo caia novamente numa cortina de silêncio, pois o *dever do testemunho* é o que nos faz mais humanos e relevantes no movimento de paz e tolerância entre nós.

Estabelecer uma nova e visível convivência depende de nossa capacidade de tolerar a frustração enorme de reconhecermos nossos erros e da capacidade de reparar os males cometidos, ainda que não possam ser integralmente revertidos. A morte está sempre entre nós e entre nossos queridos.

Não é difícil reconhecermos que, no Brasil contemporâneo, aquele que encontramos no passado à nossa frente, ou à espera de que o encontremos, o silêncio e o medo do conhecimento vêm pouco a pouco sendo rompidos: não são poucos os movimentos que iluminam, com veemência, a invisibilidade social e o obscurantismo de nossa tradição de opressão aos pobres e negros – descendência humilhada do processo pouco reconhecido e falado da escravidão; o quase silenciado extermínio de nossos povos originários; a partilha de nossa terra entre umas poucas descendências da pilhagem colonial.

Também reconhecemos dolorosamente que muitas de nossas grandes figuras públicas de hoje e de nosso passado pouco glorioso estão sustentadas por privilégios embasados em práticas sádicas de extermínio, em nome do Pai e de sua família de escolhidos. Mantêm uma boa consciência familiar pela manutenção do silêncio e do não-querer-saber, pela denegação da violência silenciosa e contínua contra nosso povo pobre e subeducado, a fim de obterem sucesso e prestígio em suas vidas sociais.

Remeto-os aqui à indagação da colega Beth Mori nas ricas trocas feitas no Observatório Psicanalítico: "do que nós não estamos falando?"

Notem: nós, pois tomar consciência social e ética e superar a atração que os bem-postos ou acomodados na vida têm pela "cortina de silêncio" implica a dor de não só ouvir e ler, mas de *co-responder* ao convite ao diálogo e à fala compartilhada sobre essas questões.

Quando se propõe um tema controverso, habitualmente invisível que nos implica, espera-se o contraponto com a potência de nos fazer mudar de posição ou reconhecer nossa falha, ou não. Assim caminha a humanidade, no sentido do humanismo que propõe uma constante expansão de nosso conhecimento e do estar bem com aqueles diferentes de nós, o que não pode ser alcançado sem a polêmica e a elaboração dos contrários.

Esse é o elemento generoso de retorno à provocação de nosso pensamento: o embate de ideias e esclarecimentos, por meio de novas informações ou raciocínios. Aqui, à diferença da *capacidade de estar só*, o silenciamento é o equivalente da morte.

Encontro ABC em Brasília

Associação Brasileira de Candidatos anuncia tema do próximo Congresso

A Associação Brasileira de Candidatos (ABC) acaba de anunciar o tema de seu próximo Congresso, que será realizado no dia 19 de junho de 2019, em Belo Horizonte: "O estranho em tornar-se psicanalista: novos desafios". O Congresso ABC é destinado aos membros em formação psicanalítica pertencentes às instituições de ensino filiadas à IPA no Brasil e acontecerá antes da abertura do XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise.

A temática do próximo congresso escolhida pelos representantes da ABC propõe abrir um espaço para se pensar o futuro da psicanálise, do lugar e da função do psicanalista. Segundo a presidente da ABC, Cecília Cruvinel Colmanetti (SBPMG), pretende-se também estimular a discussão sobre a escolha em ser psicanalista. "Como estamos nos preparando para o novo cenário em que nos encontramos, de novas tecnologias, inovações teóricas e constantes transformações nas próprias instituições psicanalíticas?", provoca.

Na preparação para esse evento maior, a atual gestão da ABC vem realizando encontros regionais com os analistas em formação. Em junho, ocorreu em Brasília o Encontro Regional do Centro-Oeste, envolvendo candidatos da SPBsb, GEPG e SPMS na discussão do tema "O estranho na formação: quem é o analista contemporâneo?". Está programado para o dia 8 de novembro, em Recife, o Encontro Regional Nordeste (SPFOR e SPR), com o tema "Inquietante formação: força e fragilidade da psicanálise no Nordeste". Nos dias 9 e 10 de novembro, será a vez dos candidatos da Regional Sudeste (SBPSP, SBPRP, GEPCampinas, GEPCuritiba) que ser reunirão em Ribeirão Preto em torno da temática "A psicanálise em formação: clínica, fronteiras e territórios".

A ABC está convocando os colegas analistas em formação para enviarem trabalhos escritos para a sexta edição do livro *Construções*, cujo tema é "O estranho na formação: confidências". Os interessados devem enviar seus trabalhos até 10 de outubro para o email abc.livroconstrucoesvi@gmail.com. Os trabalhos serão avaliados por uma comissão de pareceristas e apenas um de cada Instituto será escolhido para o livro.

Observatório Psicanalítico lança segunda edição digital

Em seu segundo ano de existência, o Observatório Psicanalítico da Febrapsi consolida-se como espaço coletivo de reflexões sobre a atualidade e difunde pelas mídias sociais o olhar psicanalítico sobre acontecimentos que impactam a realidade ou suscitam debates importantes. Neste mês de setembro, a Febrapsi lança o segundo número digital do OP – edição 2018, com 32 textos escritos por psicanalistas membros da Federação, distribuídos nas categorias: cultura, artes e literatura; educação e políticas públicas; eventos psicanalíticos, teoria e clínica do analista; política nacional e internacional. O novo jornal do OP e a experiência colhida nesse período serão apresentados no Congresso da Fepal, em Lima, pela coordenação do OP composta por Cíntia Albuquerque (coordenadora), Beth Mori, Carlos Frausino e Joyce Goldstein. Os textos do Observatório Psicanalítico são publicados simultaneamente no Facebook e no site da Febrapsi, onde o interessado pode acessar todos os textos já escritos: www.febrapsi.org.

RBP Revista Brasileira de Psicanálise

FEBRAPSI FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Neste número, procuramos priorizar a produção de colegas da Febrapsi e, ao mesmo tempo, oferecer a possibilidade de contato com o pensamento de autores franceses que estiveram recentemente no Brasil, participando de atividades científicas e apresentando sua produção psicanalítica. A decisão de lançar Outras palavras representa o desejo da equipe de acolher os trabalhos recebidos pela RBP.

Editora: Marina Massi
Editor associado: Oswaldo Ferreira Leite Neto
Equipe Editorial: Abigail Betbedé, Berta H. Azevedo, Cláudia A. M. Suannes, Denise S. Goldfajn, Gustavo Gil Alarcão, Leda M. C. Barone, Maria do Carmo M. D. do Amaral, Patricia V. Getlinger, Sonia Terepins, Suzana K. Kruchin, Tiago da Silva Porto

Assinaturas: R$ 210,00

Informações

rbp@rbp.org.br
Tels: 11 3661-8709 e 3661-9473
Rua Sergipe, 475, Sala 807
01243-001 São Paulo, SP
rbp.org.br

Facebook:
Revista Brasileira de Psicanálise